

A COBERTURA DE MORTES TRÁGICAS E/OU VIOLENTAS POR *O* *GLOBO*: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

Raiane Nogueira Gama

Dissertação recém-defendida

Orientadora: Dr^a. Renata Mancini

Introdução

Na cobertura de mortes trágicas e/ou violentas, que jornal mais impacta o leitor, ao estampar na capa sangue, lágrimas e corpos? Será *O Estado de S. Paulo* ou o extinto *Notícias Populares*? *O Globo* ou *Meia Hora*? Distinguir precisamente esses veículos entre moderados e sensacionalistas pode não ser tão fácil quanto parece. A fragilidade do estabelecimento de categorizações duras entre os dois perfis editoriais ficou clara em uma pesquisa desenvolvida anteriormente, cujo resultado deu origem a este trabalho (cf. Gama; Mancini, 2015, no prelo). Na ocasião, descrevemos como 12 jornais brasileiros repercutiram o massacre de Realengo nas capas do dia seguinte ao episódio. E todas as páginas analisadas apresentaram marcas textuais e apelos estéticos característicos do chamado jornalismo “espreme que sai sangue” (cf. Angrimani, 1995). Observou-se, ainda, a proximidade de *O Globo* ao polo mais apelativo de um *continuum* traçado com as capas, em uma gradação qualitativa de efeitos de sentido.

A postura do periódico nos causou estranhamento. Afinal, suas normas de conduta prescrevem que, mesmo não sendo possível alcançar a objetividade total no jornalismo, há técnicas que permitem minimizar o subjetivismo “a graus aceitáveis” (Marinho, João; Marinho, José; Marinho, R., 2011, p. 3). Mas, na prática, vimos que *O Globo* explorou

exacerbadamente a dimensão sensível do massacre de Realengo. Dessa forma, motivados por tal comportamento, nos ancoramos novamente na metodologia proposta pela semiótica francesa para investigarmos se, na cobertura de outros episódios envolvendo mortes trágicas e/ou violentas, o veículo mantém o discurso moderado que diz assumir. Partimos da hipótese de que, em algumas edições, *O Globo* se rende preferencialmente a marcas textuais e a apelos estéticos característicos do jornalismo dito sensacionalista. Nesses casos, ele abandona o seu perfil inicial de enunciador – do jornal sóbrio, que mantém um certo distanciamento acerca dos fatos –, para se projetar como “uma voz discursiva que grita” (Discini, 2013, p. 129).

Na análise do *corpus*, descrevemos o percurso feito pelo enunciador de *O Globo* na construção discursiva de cada página, ou seja, “o que o texto diz, e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos” (Barros, 2003, p. 187). A semiótica francesa toma o texto como um todo de significação, examinado pela relação entre o plano de conteúdo, composição discursiva, e o plano de expressão, manifestação do plano de conteúdo. O primeiro é concebido como um percurso gerativo de sentido, dividido em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Já o segundo é observado a partir de categorias cromáticas (cores), eidéticas (formas), topológicas (posição e orientação das formas e do movimento no espaço) e matéricas (suporte e maneira de usar tinta e pincel) (cf. Floch, 1985).

Também é central para esta pesquisa a abordagem tensiva da semiótica, desdobramento mais recente da teoria. A perspectiva debruça-se sobre os elementos sensíveis que participam da construção do sentido. Introduce-se a ideia de gradação, de continuidade, tornando possível a identificação de uma dinâmica, de um ritmo do discurso. Seu principal objetivo é entender como as estratégias do enunciador, tomadas como valores, acessam a arena perceptiva do enunciatário, isto é, seu campo de presença (cf. Zilberberg, 2011). Existem dois grandes modos de acesso: pelo impacto do insólito ou pelo conforto do conhecido (Mancini; Trotta; Souza; 2007, p. 298). Quanto mais acelerado e tônico for um conteúdo, maior será o espanto, o susto, o arrebatamento provocado no sujeito e menor será o nível de intelecção. Nesse caso, a percepção é manipulada predominantemente pelo impacto do insólito, pelo regime da intensidade, seguindo uma lógica concessiva (“embora...”). Por outro lado, um conteúdo desacelerado e átono é aquele cujo valor penetra o campo de presença do sujeito em velocidade e força compatíveis com o inteligível. A manipulação é, então, regida preferencialmente pelo conforto do conhecido, pela extensidade, seguindo uma lógica implicativa (“se... então”). Antes

de partirmos para a análise das capas de *O Globo*, façamos alguns apontamentos sobre o discurso jornalístico e seus diferentes estilos enunciativos, à luz desses conceitos.

O discurso jornalístico e seus estilos enunciativos

Fiorin (2004a) resume com propriedade a relevância da análise do texto jornalístico, ao afirmar que “a compreensão crítica do discurso veiculado pelos meios de comunicação de massa é garantia de exercício pleno da cidadania”. Segundo o autor, o alcance desse entendimento se dá pela identificação dos “mecanismos de que se vale o discurso para conseguir eficácia” (*ibidem*). Ou seja, pelo mapeamento das estratégias usadas pelo enunciador para manipular o enunciatário do jornal. Cabe esclarecer que enunciador e enunciatário não são autor e leitor reais, mas imagens apreendidas do texto. Além disso, aqui, a manipulação não é concebida no sentido corrente da palavra. Trata-se de uma etapa da transformação dos sujeitos envolvidos na produção e na recepção das notícias construídas discursivamente.

Assim, apesar de não se assumir explicitamente como argumentativo, o discurso jornalístico, como todo ato de comunicação, tem por finalidade última persuadir o leitor (Fiorin, 2011, p. 75). O jornal não se limita a informar, mas “também difunde um conjunto de valores, crenças, comportamentos, pontos de vista que constituem as ideologias” (Gomes, 2008, p. 15). Esse fazer persuasivo inclui a adoção de diversos procedimentos linguísticos. Um deles é o que Hernandes (2006, p. 47) chama de “gerenciamento do nível de atenção do leitor”, que compreende três passos complementares: 1) “fisgar”, obter a curiosidade do sujeito; 2) levar o sujeito a se interessar pelas histórias veiculadas pelo jornal; 3) levá-lo a querer repetir a experiência nas edições seguintes, isto é, desencadear um hábito. Cada fase consiste em uma estratégia: de arrebato, sustentação e fidelização, respectivamente.

Também é imprescindível para a eficácia desse programa de manipulação a reiteração dos princípios de objetividade, neutralidade, imparcialidade e isenção e da noção de jornalismo como a busca pela verdade dos fatos. Esses pilares são, na verdade, efeitos de sentido construídos textualmente. Grosso modo, os mecanismos empregados para a criação desses efeitos são, no que diz respeito ao nível discursivo do percurso gerativo: o uso de 3ª pessoa (debreagem e embreagem enuncivas actanciais); o jogo de vozes, com uso de discurso direto (debreagem interna); a “presentificação” do passado (embreagem enunciva temporal); a ancoragem, “procedimento semântico de concretizar cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso (Barros, 2005,

p. 58); e a iconização, "investimento figurativo exaustivo final, isto é, última etapa da figurativização, com o objetivo de produzir ilusão referencial" (*ibidem*, p. 69).

Feito o detalhamento dessa identidade mais abrangente do discurso jornalístico, partimos para uma definição dos diferentes estilos enunciativos, com uma descrição dos principais traços da imprensa dita “séria” e da chamada “espreme que sai sangue”. A primeira constitui o estilo moderado e se caracteriza, em linhas gerais, pelo apagamento das marcas da enunciação no enunciado; pelo uso da norma culta da língua e o veto a escolhas vocabulares que denunciem uma visão passional ou subjetiva; pela preferência ao noticiário político, econômico e internacional; e por uma composição visual mais sóbria. Inversamente, a segunda constitui o estilo sensacionalista e é marcada, de maneira geral, pelo uso exacerbado de estratégias de aproximação, com a construção de uma iconização que exacerba o aspecto dramático dos episódios; pela explicitação de julgamentos parciais e envolvimento passional; pelo emprego da linguagem coloquial; pela preferência ao noticiário de *fait divers*, mortes, violência, escândalos e relatos pessoais comoventes; e por uma composição visual hiperbólica. A partir dessas noções, passemos para as análises das capas de *O Globo*.

O Globo da sobriedade

A primeira cobertura analisada refere-se ao massacre do Colorado, que ocorreu no dia 20 de julho de 2012. O estudante de neurociências James Holmes, de 24 anos, invadiu um cinema da cidade de Aurora, no estado americano, durante a pré-estreia de “Batman – o Cavaleiro das Trevas ressurgiu” e atirou contra espectadores do filme. 12 pessoas morreram e 59 ficaram feridas. O assassino foi preso em seguida. O assunto foi capa de *O Globo* no dia seguinte e, novamente, quatro dias após o episódio, depois da primeira audiência judicial.

Topologicamente, uma diagramação mais canônica equilibra os conteúdos verbais e visuais em ambas as capas. Apesar de ocupar um espaço de destaque, o fato concorre com outras notícias, principalmente na segunda página (figura 2), que repercute o desfecho do massacre. Os dois títulos referentes ao episódio estão em posições laterais e em fontes menores que os das manchetes emolduradas “Prazo vence e 12 tribunais não revelam seus salários” (figura 1) e “Ditadura síria ameaça usar armas químicas” (figura 2). Quanto à categoria cromática, predominam nas páginas o fundo branco e o preto da manifestação escrita. Não há grandes contrastes, a não ser o alaranjado dos cabelos do atirador e da

explosão retratados na edição de 24 de julho (figura 2), que se assemelham também quanto ao formato. A composição das capas constitui a identidade visual padrão de *O Globo*. Essas observações sumárias já nos permitem inferir que, na ordem visual, o conteúdo é apresentado para o enunciador do jornal de maneira átona, sem causar um grande impacto no enunciatário.



Figura 1: Primeiro caderno de 21/07/12.
Fonte: *Acervo O Globo*



Figura 2: Primeiro caderno de 24/07/12.
Fonte: *ibidem*

Nas duas capas, *O Globo* procura oferecer aos leitores uma cobertura factual, bem ancorada actancial, temporal e espacialmente e com uma pluralidade de vozes. O jornal descreve a ação de James, dá informações sobre as vítimas e apresenta os posicionamentos do presidente Obama, da associação de cinemas dos EUA, da promotora responsável pelo caso e da defesa. Ouvem-se diversos ângulos da história. Busca-se um apagamento das marcas da enunciação no enunciado, o que cria um efeito de sentido de afastamento diante do episódio.

Uma antropomorfização das vítimas, que deixam de ser figurativizadas apenas como números – 12 mortos e 59 feridos –, acontece em ambas as capas. Na primeira (figura 1), duas fotos retratam o sofrimento de pessoas ligadas aos espectadores do filme. Pelas legendas, descobrimos que a mulher amparada (na imagem em destaque) e o homem que parece esbravejar (na imagem abaixo) são a mãe e o pai de duas pessoas que estavam no cinema durante o tiroteio. Mas não fica claro inicialmente se estas morreram, se estão feridas ou desaparecidas. Só ao lermos a chamada, descobrimos que o homem pede informações sobre o paradeiro do filho. Também é confirmada a identidade de um dos mortos: “Jéssica Ghawi, de 24 anos, que escapara de tiroteio num shopping, no Canadá, há menos de dois meses”. Na

segunda página (figura 2), essa humanização é expressa pela chamada “Grávida baleada não perde bebê, mas vê filha de 6 anos morrer”. Como vemos, dá-se destaque ao infortúnio.

Outra característica comum às duas edições é a evidência dada ao autor das mortes, ao algoz. As páginas trazem fotos de James, logo após a ação, sorrindo e como se encarasse os leitores (figura 1) e, quatro dias depois, já com uma expressão menos expansiva e um olhar desviado (figura 2). Na primeira capa (figura 1), há uma pequena ênfase na performance do atirador, que, na hora do crime, estava “armado com um rifle, uma escopeta e uma pistola”, “usava capacete, máscara contra gás e colete à prova de balas” e, “após jogar dois artefatos de fumaça, começou a disparar contra a plateia”. Na segunda (figura 2), o foco é na descrição do comportamento dele na audiência, “calado”, com “face indiferente” e “olhar distante”.

A partir dessa breve análise, reconhecemos um esforço por parte de *O Globo* para fazer uma cobertura completa do massacre do Colorado, com uma apresentação geral do fato, das vítimas e do atirador e a divulgação das posturas do governo, de uma entidade representativa dos cinemas e da justiça diante do episódio. Esses valores constroem-se na arena perceptiva do enunciatário do jornal em um andamento e uma tonicidade compatíveis com a inteligência, sem causar espanto, susto ou arrebatamento, apesar da intensidade do fato por si só: o assassinato de 12 pessoas durante uma sessão de cinema. Dessa forma, temos a adoção pelo enunciador de uma estratégia de manipulação regida predominantemente pela extensidade, segundo uma lógica implicativa.

É importante destacar, porém, que há uma preocupação do enunciador do jornal em “dosar” a atonização do conteúdo, mantendo o enunciatário “cevado” e evitando que ele perca o interesse pela notícia. Isso ocorre pela figurativização das vítimas, pela pequena ênfase dada à performance de James e pela construção de uma *isotopia* cinematográfica. Chamamos de isotopia a reiteração de traços semânticos ao longo do texto. Com função de redundância, a operação garante coerência semântica, determina um plano de leitura (cf. Fiorin, 2011). Nas capas sobre o massacre do Colorado, ela é produzida pela recorrência de expressões como “vilão da vida real”, “telas”, “superprodução” e “pré-estreia”, a imagem da camisa com o símbolo do Batman e o próprio nome do filme, o que cria uma oposição entre ficção e realidade e dramatiza o episódio. Mas a dimensão sensível da morte não é tão explorada.

Ainda a fim de caracterizar esse enunciador mais sóbrio de *O Globo*, nos aprofundemos no episódio considerado a maior tragédia climática da história do país. Trata-se da catástrofe que aconteceu na Região Serrana do Rio de Janeiro, provocada pelas chuvas de

verão de 11 e 12 de janeiro de 2011. Foram registrados mais de 800 mortos no desastre, mas acredita-se que o número de vítimas tenha sido muito maior. Analisamos três capas do primeiro caderno de *O Globo*, dos dias 13 (figura 3), 14 (figura 4) e 15 de janeiro (figura 6). Consideramos também a capa do suplemento especial veiculado em 14 de janeiro (figura 5).

Um contato inicial com as capas já nos permite antever que as manchetes do dia se referem a um desastre climático. O tema é concretizado, primeiramente, pelo conteúdo visual, com fotos de encostas, lama, deslizamento, inundação e soterramento. A figurativização também se dá pelo conteúdo verbal dos títulos “Estado não tem sistema de alerta contra catástrofes” (figura 4) e “Colapso na serra” (figura 6). Esses elementos são os que mais sobressaem em uma leitura sumária das páginas. Na primeira (figura 3) e na segunda capa (figura 4), as imagens centralizam o tema principal da cobertura, com a definição de figuras e a delimitação de um cenário que permite uma contextualização do fato, indicando o espaço e as condições em que se deu. A tomada de cima, a uma distância que garantiu um enquadramento amplo das cenas registradas, nos dá a dimensão dos estragos causados pelas chuvas. Essa conjugação de figuras que já se associam tradicionalmente ao tema da catástrofe natural torna possível uma apreensão imediata do assunto. Estamos no campo do inteligível.



Figura 3: Primeiro caderno de 13/01/11.
Fonte: *Acervo O Globo*



Figura 4: Primeiro caderno de 14/01/11.
Fonte: *ibidem*

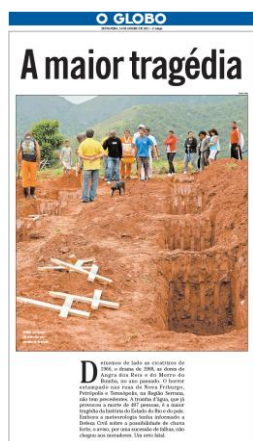


Figura 5: Caderno especial de 14/01/11.
Fonte: *ibidem*



Figura 6: Primeiro caderno de 15/01/11.
Fonte: *ibidem*

A relevância atribuída pelo jornal ao episódio é explicitada pelo componente topológico, pelo espaço destinado ao fato nas capas, quase dominadas pelo assunto. Os termos “descaso” (figura 3), que denuncia uma visão subjetiva, e “Estado” (figura 4) nos títulos das duas primeiras capas nos dão outra pista sobre a abordagem feita pelo veículo. Vemos que constrói-se ao longo da cobertura uma isotopia da omissão do poder público, a partir de menções aos governos federal e estadual – figuras da presidente Dilma Rousseff e do governador Sérgio Cabral – e às esferas municipais dos locais atingidos; ao não-repasse de recursos; e à falta de um sistema de alerta, de infraestrutura urbana e de abastecimento para os desabrigados. Enfim, para *O Globo*, foi “uma sucessão de falhas”. O enunciador do jornal vai nutrindo seu enunciatário com essas informações, em um movimento natural de desaceleração do conteúdo e, conseqüentemente, de aumento do que Bertrand (2003, p. 210) chama de “densidade sêmica”.

No que diz respeito à categoria cromática, nas quatro capas, saltam aos olhos tons de ocre, que compõem as figuras da lama (figuras 3 e 4), do barro sobre o qual foram abertas as covas (figura 5) e dos caixões (figura 6). A cor também está presente na charge do Chico (figura 4). Uma associação desse elemento expressivo aos conteúdos que manifesta nos permite atribuir a ele um valor disfórico. Na segunda capa (figura 4), é interessante notarmos também o laranja vivo que contrasta com os demais elementos, criando uma isotopia cromática, presente nos coletes usados por Sérgio Cabral e Dilma Rousseff, e no box que toma toda a parte inferior da página, um comunicado do Itaú apoiando os clientes de seguros do banco afetados pela enchente. São as instituições que oferecem ajuda após a catástrofe.

Essas observações nos permitem supor o direcionamento principal de *O Globo* na cobertura do episódio: em síntese, um desastre natural causou mortes, mas ele poderia ter sido evitado, ou, pelo menos, minimizado, pela ação do poder público, que foi negligente. As estratégias usadas para a criação desse todo de sentido final são prioritariamente da ordem do previsível, não ferem o contrato fiduciário estabelecido entre o enunciador do jornal e seu perfil de enunciatário esperado, um leitor que busca informação e prestação de serviço. A construção de um percurso de disforização dos governos federal, estadual e municipal é o foco da abordagem. Com isso, *O Globo* busca cumprir o papel social universal do jornalismo.

Mas, em uma comparação com as capas sobre o massacre do Colorado, aqui, a dimensão sensível da morte é consideravelmente mais explorada. Há uma isotopia fortemente marcada no visual pelas fotos das covas com cruzeiros ao lado (figura 5) e de pessoas chorando ou atônitas diante dos caixões fechados (figura 6) e, no verbal, pela constante recontagem do número de mortos e por trechos como: “oito pessoas de uma mesma família, além da babá de uma das crianças, foram vítimas das águas que atingiram uma casa de classe média alta inundada no Vale do Cuiabá, em Itaipava – Petrópolis” (figura 3). As fotografias, em seu caráter icônico, contêm a dimensão trágica da catástrofe, comovem, afetam sensorialmente. Sem isso, a cobertura perderia o impacto. Mas há um esforço para a apresentação do desastre em sua totalidade. O sangue, os rostos dos mortos e a dor estampada nas fisionomias são ocultados e ficam pressupostos. O enunciador opta por elementos verbais e visuais que não chocam tanto, convidando o enunciatário mais a uma reflexão acerca do ocorrido e a uma adesão aos valores postos em jogo do que à emoção e a um envolvimento passional e afetivo.

Nos dois episódios analisados, identificamos a predominância da adoção de estratégias de manipulação regidas pela extensidade, pelo conforto do conhecido, segundo uma lógica implicativa, com conteúdo e expressão partindo de um andamento já desacelerado e de uma tonicidade já átona e seguindo em direção descendente. Em ambas as coberturas, *O Globo* busca dar ênfase ao factual, abordar os assuntos sob diversos ângulos e, conseqüentemente, prestar serviço à sociedade, não rompendo o contrato fiduciário estabelecido com o enunciatário do jornal. Esse posicionamento é adotado apesar de os episódios narrados envolverem um componente afetivo, dado o caráter sensacional das mortes noticiadas. Assim, caracterizamos o perfil do enunciador de *O Globo*. É o jornal da sobriedade, da contenção, da “justa medida”, que mantém um certo distanciamento acerca dos fatos. No entanto, veremos a seguir que esse discurso moderado não é uma constante.

Os gritos do discurso em *O Globo*

Nesta segunda etapa da análise, buscamos identificar momentos em que *O Globo* se rende a características da linguagem sensacionalista, abandonando o seu perfil inicial de enunciador. Começamos pela análise de um ato de violência sem precedentes no Brasil: o massacre de Realengo. Na manhã do dia 7 de abril de 2011, o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, matou 12 estudantes e se suicidou. O ineditismo do caso levou *O Globo* – assim como outros veículos – a fazer uma densa cobertura. Seleccionamos as capas dos primeiros cadernos e dos cadernos especiais publicados nos dois dias seguintes ao fato.



Figura 7: Primeiro caderno de 08/04/11.
Fonte: *Acervo O Globo*



Figura 8: Caderno especial de 08/04/11.
Fonte: *ibidem*



Figura 9: Primeiro caderno de 09/04/11.
Fonte: *Acervo O Globo*



Figura 10: Caderno especial de 09/04/11.
Fonte: *ibidem*

A capa do dia 8 de abril (figura 7) já começa a impactar pelas imagens e pelo título. Uma foto central ocupa a maior parte da página, retratando uma criança amparada por um adulto. A legenda esclarece que se trata de uma das sobreviventes do massacre, Jady Lima, de 12 anos, abraçada pela mãe. No alto da página, há outras três imagens, na sequência: um *frame* de um vídeo publicado na internet, em que uma aluna foge da escola, suja de sangue; uma foto do cadáver de Wellington, o algoz que foi punido com a própria morte; e a figura do policial que baleou o atirador, “impedindo uma tragédia maior”, conforme destaca a legenda. As quatro fotos concretizam, respectivamente, os temas comoção, desespero, suicídio e heroísmo.

Ao contrário do que se pode imaginar em um primeiro olhar sobre a página, a coluna da esquerda não é um lide, mas sim um depoimento de Jady, que descreve detalhadamente o que ocorreu na escola. O relato é antecipado já no título da manchete, em discurso direto – *debreagem* interna: “Ele atirava na cabeça”. Há uma grande ênfase na performance do atirador e uma iconização que exacerba o dramático. É como se o leitor estivesse lá, acompanhando toda a ação de Wellington. O depoimento de Jady chega a gerar incômodo, mobilizando sensorialmente. Mais uma vez, o tema desespero é concretizado, em trechos como “já tinha um monte de gente agonizando no chão”. A figura sangue aparece em diversos momentos: “a escada parecia uma cachoeira de sangue”, “vinha aquele sangue escorrendo feito água”. Há também várias referências à ação de Wellington: “ele dava tiro nos pés das crianças”, “mandava virar para a parede e dava tiro”.

No suplemento especial do dia 8 de abril (figura 8), uma única foto estampa a página, registrando o estado de choque de uma sobrevivente. O título da manchete foge ao canônico, ao ser escrito em branco sobre um fundo preto, o que cria uma tensão e causa impacto. A manutenção dessa tensão também se dá na articulação do contraste entre branco e preto com o tema “pavor”. No conteúdo verbal, a violência chega a ser abordada pelo viés de um problema de ordem pública. Mas é o sofrimento da estudante amparada que “grita” para o leitor.

No dia 9 de abril (figura 9), mais uma vez o enunciatório é surpreendido pelo componente visual. Uma imagem ampliada, no alto da capa do primeiro caderno, mostra uma das vítimas em caixão aberto, e não mais fechado, como na cobertura da catástrofe da Região Serrana. Articulada com o título “Adeus, crianças”, em *itálico*, recurso que cria um efeito de que é o próprio jornal que fala, a chamada descreve com detalhes o sepultamento dos alunos, feito “sob uma comoção coletiva poucas vezes vista”, em que muitas pessoas se abraçaram,

choraram e passaram mal. A capa também traz, no verbal, o depoimento de uma sobrevivente e uma figurativização das vítimas, que tiveram seus “sonhos interrompidos” por Wellington.

Por fim, a capa do caderno especial do dia 9 de abril (figura 10) destaca a comoção nacional gerada pelo massacre, que “deu lugar (...) a lágrimas de dor por toda a cidade”. O recurso da imagem ampliada é usado novamente por *O Globo*, agora para figurativizar o tema do sofrimento. Reiterando essa concretização, também é ampliada a fonte do título da manchete, sobretudo na grafia da palavra “chora”. São os gritos do discurso. Na página, aparecem novos *frames*, dessa vez do circuito interno de câmeras da escola. Seu caráter “borrado” produz uma ilusão de movimento, criando um efeito de sentido de verdade. Assim como o depoimento de Jady, as imagens simulam transportar o leitor até o momento do crime.

No que tange às fotografias, observamos em todas as capas a recorrência de imagens com um efeito de aproximação exagerado – uma focalização muito próxima aos rostos das pessoas retratadas – e uma indefinição dos fundos – branco (figura 7), bege (figura 8), preto (figura 9) e desfocado (figura 10) – que não nos permite identificar um cenário figurativo. Ao contrário do que acontece na cobertura da catástrofe da Região Serrana, aqui, as fotos em destaque não nos dão uma visão geral do fato noticiado, mas sim uma perspectiva particular. Essa oposição geral *vs.* particular é reiterada no plano de conteúdo verbal, pelo destaque dado por *O Globo* às trajetórias de vida interrompidas, na capa de 9 de abril (figura 9). Aqui, os mortos não figuram apenas como número. Voltando aos elementos visuais, outra observação interessante é que, em todas as fotografias, as pessoas têm os olhos fechados, como se não quisessem acreditar na realidade dos fatos. Para além das imagens, *O Globo* mantém uma diagramação mais canônica nas capas do primeiro caderno (figuras 7 e 9), contribuindo novamente para a construção de uma identidade visual própria do jornal. O mesmo não ocorre com os cadernos especiais (figuras 8 e 10), em que predominam imagens ampliadas e poucos elementos verbais.

Nas capas sobre o massacre de Realengo, vemos que o enunciador de *O Globo* faz a manutenção de um conteúdo acelerado em ambas as linguagens em jogo – verbal e visual –, criando um efeito de sentido de choque, espanto, arrebatamento. O foco da cobertura é no drama pessoal, nas trajetórias de vida das vítimas e no sofrimento de parentes e amigos. Há pouco espaço para o factual e para reflexões mais abrangentes sobre o tema da violência. Diferentemente do que ocorre no noticiário da catástrofe da Região Serrana, aqui, o sangue derramado, as identidades dos mortos, a dor estampada nos rostos são projetados, convidando o enunciatário a um envolvimento afetivo, uma comoção compartilhada. A percepção é

manipulada principalmente pelo regime da intensidade, segundo uma lógica concessiva, aproximando a linguagem do jornal à sensacionalista.

Caminhando para o desfecho deste trabalho, partimos para a análise da cobertura da violenta morte de Muamar Kadafi, em 20 de outubro de 2011. O líder líbio foi morto após ser ferido e capturado por rebeldes durante uma fuga da cidade de Sirta, na Líbia. Sua execução marcou o fim de uma ditadura de 42 anos. As imagens de Kadafi coberto de sangue correram o mundo pela internet. E também pelo jornal, estampando as capas do primeiro caderno (figura 11) e do caderno especial (figura 12) veiculados por *O Globo* no dia seguinte ao fato.



Figura 11: Primeiro caderno de 21/10/11.
Fonte: *Acervo O Globo*



Figura 12: Caderno especial de 21/10/11.
Fonte: *ibidem*

Não fosse a presença do logo de *O Globo* no alto das páginas, o primeiro impacto causado pela edição do dia 21 de outubro poderia nos levar ao questionamento imediato se realmente estamos diante de um exemplar do jornal. Fotos ampliadas do corpo de Kadafi, sem camisa e coberto de sangue, estampam as duas capas. E, como se já não bastasse constatar pelas imagens que o ditador realmente está morto, o leitor ainda tem à disposição diversos ângulos do cadáver – uma foto horizontal, uma vertical, além das imagens desfocadas que aparecem nos visores das câmeras digitais e de celulares. A capa do caderno especial (figura 12) traz ainda uma sequência de imagens no alto da página que cria uma narrativa de Kadafi, já ferido, sendo levado pelos rebeldes. É a verdade “nua e crua”.

De maneira ainda mais intensa do que nas capas sobre o massacre de Realengo, temos aqui uma grande ênfase dada à performance – com um detalhamento de como o ditador foi capturado e executado – e uma iconização que explicita o aspecto mais brutal e sórdido da morte. Esses procedimentos arrebatam o enunciatário que, subitamente, se vê diante do

imponderável. Nesse caso, sem dúvida, a manipulação se dá preferencialmente pela intensidade, pelo impacto do insólito, gerado pelo conteúdo visual. Predomina a lógica concessiva. A exacerbação do uso de imagens chocantes, que nos remetem diretamente ao jornalismo “espreme que sai sangue”, nos permite sugerir que este último conjunto de capas causa um impacto inicial ainda maior do que as páginas apresentadas anteriormente.

Para finalizar, e mudando o nível de análise, as páginas referentes à morte de Kadafi são um bom exemplo para mostrarmos o movimento naturalmente descendente previsto na interação leitor-capas. O conteúdo verbal desacelera e atoniza o choque inicial provocado pelo visual. Ao longo das chamadas presentes nas duas páginas, *O Globo* apresenta uma cobertura mais aprofundada, narrando como aconteceu a fuga e posterior captura de Kadafi, fazendo um breve histórico dos seus 42 anos à frente do governo da Líbia, levantando a questão de uma possível execução, entre outras abordagens. Essas informações fazem com que os valores veiculados pelo enunciador do jornal ganhem, aos poucos, um nível maior de inteligência, já que o movimento de desaceleração e de atonização tem como função principal dar um sentido, uma explicação para uma construção inicialmente insólita. Portanto, parte-se do impacto para o conforto, com um consequente aumento da densidade semântica do texto.

Considerações finais

Este trabalho se encerra com um desdobramento das descrições das capas de *O Globo*. De um lado, tomamos o massacre do Colorado e a catástrofe da Região Serrana do Rio, ocorrida em 2011, como *O Globo* da sobriedade. De outro, identificamos os gritos do discurso no veículo, ao nos debruçarmos sobre o massacre de Realengo e a morte do líder líbio Muamar Kadafi. A análise do *corpus* e sua divisão nesses dois grupos nos permitiu elencar alguns elementos que predominam nas páginas que condizem com o perfil moderado esperado do enunciador do jornal e os que quebram a expectativa do enunciatário e aproximam o veículo do jornalismo “espreme que sai sangue”. Chamaremos esses componentes de “estratégias de sobriedade” e “estratégias sensacionalistas”, respectivamente.

Em *O Globo* da sobriedade, temos uma predominância da dimensão inteligível e uma manipulação regida preferencialmente pela extensidade, pelo conforto do conhecido. Nas análises do massacre do Colorado e da catástrofe da Região Serrana, esse movimento foi explicitado, no plano de conteúdo pela ênfase dada ao factual; pela figurativização dos mortos principalmente

como número; pelo não rompimento do contrato fiduciário estabelecido com o enunciário do veículo; pela abordagem dos casos sob diferentes ângulos; e pelo foco na construção de um percurso de disforização dos “culpados” pelas mortes noticiadas. Quanto ao plano de expressão, podemos listar, de maneira geral uma maior harmonia buscada entre os componentes verbais e visuais na construção das capas; e a opção por fotografias com um enquadramento mais amplo, a definição de figuras e a delimitação dos cenários de modo a permitir uma contextualização dos fatos narrados, centralizando os temas do massacre e da catástrofe.

De forma contrária, em *O Globo* que “grita”, há um predomínio do componente sensível e uma manipulação regida prioritariamente pela intensidade, pelo impacto do insólito. Nas análises do massacre de Realengo e da morte de Kadafi, essa dinâmica foi evidenciada, no plano de conteúdo pela ênfase dada às performances do atirador e dos rebeldes e pela produção de uma iconização que exacerbou o aspecto dramático e sangrento dos fatos; pela figurativização dos mortos como indivíduos; pela quebra de expectativa produzida já em um primeiro contato com as capas; e pela atribuição de um valor eufórico à morte, no caso da punição dos algozes – o atirador Wellington e o ditador Kadafi. Quanto ao plano de expressão, podemos ressaltar, principalmente: uma menor harmonia buscada entre os componentes verbais e visuais na construção das capas, com a recorrência de imagens ampliadas e de maiores contrastes cromáticos; e a opção por fotografias com uma focalização muito aproximada às cenas retratadas, uma indefinição de figuras em alguns casos e também de um cenário de fundo, não garantindo uma contextualização dos fatos narrados.

A partir das ferramentas conceituais oferecidas pela semiótica francesa e por sua vertente tensiva, nos pareceu possível comprovar a hipótese inicial deste trabalho, mostrando que, na cobertura de fatos sensacionais por si só, a linha que separa um veículo tido como sensacionalista de um considerado moderado nem sempre é bem definida. Por meio desta pesquisa, esperamos ter colaborado com um olhar mais crítico sobre a atuação da grande imprensa. Esta que, tantas vezes, se ampara em clichês que delimitam o “bom jornalismo” como sendo o da “justa medida”, mas que, em uma dimensão pragmática, se posiciona em fronteiras tênues com o jornalismo considerado sensacionalista. Reconhecer essa permeabilidade de maneira embasada nos parece uma grande contribuição a uma discussão em que as complexidades desse fazer não podem ser diminuídas por discursos de cunho prescritivo ou por interesses meramente mercadológicos.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 187-219.

_____. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e meios de comunicação de massa. Resumo. In: *Fórum de Atualização em Pesquisas Semióticas*. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/e9Kz4k>>. Acesso em: 7 de dezembro de 2013.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Amsterdam: Hadès-Benjamins, 1985.

GAMA, Raiane Nogueira; MANCINI, Renata. *A morte estampada nas capas de jornais: uma análise semiótica do Massacre de Realengo*. No prelo, 2015.

GOMES, Regina Souza. *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF, 2008.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques – o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.

MANCINI, Renata; TROTTA, Mariana; SOUZA, Silvia Maria de. Análise semiótica da propaganda Hitler, da Folha de São Paulo. In: *XIII Colóquio CPS – Atelier estratégias enunciativas em textos sincréticos*. São Paulo: PUC, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/hNqxTq>>. Acesso em: 29 de setembro de 2013.

MARINHO, João; MARINHO, José; MARINHO, Roberto. *Princípios Editoriais das Organizações Globo*. Disponível em: <<http://goo.gl/zeq11>>. Acesso em: 29 de setembro de 2013.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Créditos das imagens:

ACERVO O GLOBO. Banco de dados. Disponível em: <<http://goo.gl/vmiEOD>>. Vários acessos.